

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA
DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL
UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE CIÊNCIAS/BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



**SEXUALIDADE INFANTIL E ORIENTAÇÃO
SEXUAL NA ESCOLA NO PROCESSO
EDUCATIVO**

BAURU/2008

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Vice- Presidente
José Alencar Gomes da Silva

Ministro de Estado da Educação
Fernando Haddad

Secretária da Educação Especial
Claudia Pereira Dutra

Reitor da Universidade Estadual Paulista – “Júlio De Mesquita Filho”
Marcos Macari

Vice-reitor
Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Diretor da Faculdade de Ciências
Henrique Luiz Monteiro

Vice- Diretor
João Pedro Albino

Coordenadora do Curso: “**Práticas em Educação Especial e Inclusiva na área da Deficiência Mental**”.
Vera Lúcia Messias Fialho Capellini

DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - Campus de Bauru

371.9 P496s	Pereira, Verônica Aparecida. Sexualidade infantil e orientação sexual na escola / Verônica Aparecida Pereira, Morgana de Fátima Agostini Martins In: Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (org.). - Bauru : MEC/FC/SEE, 2008. 12 v. : il. ISBN 1. Educação inclusiva. 2. Sexualidade. 3. Deficiência mental. I. Pereira, Verônica Aparecida. II. Martins, Morgana de Fátima Agostini. III. Capellini, Vera Lúcia Messias Fialho. IV. Título.
----------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Prezado professor ou profissional das áreas afins

Este caderno é parte do material didático, produzido por uma equipe de especialistas em Educação Especial, para subsidiar o desenvolvimento do curso de aperfeiçoamento em **“Práticas em Educação Especial e Inclusiva na área da Deficiência Mental”**. Esse material objetiva a veiculação de informações sobre a educação da pessoa com deficiência mental e seus desdobramentos para a inclusão social desta população.

Os cadernos que compõem o material didático são:

1. Educação a distância: desafios atuais.
2. Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente.
3. Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão.
4. Ética profissional: (re) pensando conceitos e práticas.
5. Informática aplicada à educação especial.
6. Família-escola: discutindo finalidades, rupturas e desafios no processo educativo.
7. Sexualidade infantil e orientação sexual na escola.
8. Repensando a avaliação.
9. Práticas educativas: ensino colaborativo.
10. Práticas educativas: adaptações curriculares.
11. Práticas educativas: manejo comportamental e comportamentos pró-sociais.
12. Práticas educativas: criatividade, ludicidade e jogos.

No curso, serão trabalhados temas gerais visando a possibilitar o acesso às informações sobre as causas da deficiência mental, aspectos conceituais, históricos e legais da educação especial, além de conteúdos específicos para auxiliar a sua prática pedagógica voltada para a diversidade, de maneira que, se necessário, você utilize adequações curriculares para garantir o aprendizado de todos os alunos.

Esperamos que este material possa contribuir a todos os profissionais que participam da construção de uma sociedade mais justa, mais solidária e mais igualitária para todos.

Bom trabalho!

Vera Lúcia Messias Fialho Capellini
Coordenadora do Curso

Sumário

Apresentação	3
Unidade I: Reflexões históricas sobre o conceito de sexualidade	4
Unidade II: Sexualidade e Deficiência: Mitos e Desafios	7
Unidade III: Orientação Sexual: de quem é essa responsabilidade?	11
Referências	19

Apresentação



⇒ Olá! Eu sou o Eros e vou acompanhar vocês na leitura deste caderno. Vamos lá!

Este texto tem como objetivo apresentar um tema de grande importância para o educador: sexualidade infantil e educação sexual. Em um curso cuja temática são as práticas em educação especial e inclusiva na área de deficiência mental, o conhecimento dos processos de desenvolvimento da sexualidade permite ao educador reconhecer as características comuns de uma faixa etária e planejar ações pedagógicas que, entre outras coisas, podem facilitar e potencializar as aprendizagens, contribuindo para uma sociedade com mais tolerância e menos preconceitos acerca da deficiência mental. Trataremos, pois, de apresentar os principais fatos históricos da sexualidade, as características das diferentes fases do desenvolvimento da sexualidade refletindo sobre as possibilidades de orientação sexual na escola, atentos para a inclusão das pessoas com deficiência mental nesse assunto. Nossa atuação pretende focar no ser humano integral, como merecedor de respeito e direito às oportunidades.

Este caderno está organizado em três unidades.

Na primeira unidade, elucidamos alguns fatos históricos sobre a sexualidade, a construção de conceitos e valores sobre a mesma. Embora o assunto não se esgote por aqui, buscamos chamar a atenção para alguns fatos importantes e apontamos caminhos para outras leituras.

A partir da história, na segunda unidade, analisamos como algumas concepções errôneas sobre a sexualidade de pessoas com deficiência ainda permeiam o nosso convívio social. Tais concepções são, às vezes, extremistas, tratando a pessoa com deficiência como assexuado ou como alguém que tem uma sexualidade exacerbada. A leitura deste capítulo busca provocar reflexões que desfaçam este modo de pensar porque eles estão presentes, de modo indireto, em nossas ações.

Ao final, buscamos considerar aspectos importantes para a orientação sexual, chamando atenção de educadores e familiares para essa

responsabilidade, para que se possam cumprir os direitos sexuais da pessoa humana.

Unidade I: Reflexões históricas sobre o conceito de sexualidade



Neste capítulo, você vai conhecer um pouco do histórico da Sexualidade pela compreensão de nossas práticas educativas relacionadas a esta questão.

Vamos lá!

Muitas vezes, as pessoas pensam que falar sobre SEXUALIDADE é assunto sempre complicado. Mas a sociedade já se deparou com esta questão de forma mais natural.

A partir da arte rupestre¹, foram registradas ocorrências de condutas sexuais datadas de mais de 22 mil anos, apontando semelhanças do ato sexual humano com o comportamento dos demais animais.



<http://www.revistahost.com.br/publisher/0306/img/principal/0602.jpg>

Quando os grupos deixaram de ser nômades, surgiram novas organizações sociais que buscaram estruturar formas de garantir e preservar sua subsistência por meio de grupos nucleares (gênese da estruturação familiar). No entanto, o conceito de família passa, constantemente, por transformações históricas e culturais. Essas mudanças relacionam-se direta ou indiretamente com o conceito de sexualidade.

Mudanças comportamentais dos séculos seguintes identificaram um local e uma condição para que o sexo ocorra: a FAMÍLIA e o CASAMENTO. Tais medidas foram fundamentas pela ética cristã e o direito canônico. Neste contexto, o sexo ficou diretamente relacionado à reprodução. O comportamento de crianças e jovens passou a ser mais vigiado e controlado. A influência religiosa, pelo controle da confissão, teve acesso inclusive aos pensamentos, que passaram a ser descritos e condenados como pecaminosos.

¹

Arte rupestre: registro de condutas humanas e organizações sociais em achados arqueológicos.



A família, no século XVIII, tornou-se instrumento de controle, sobretudo, das crianças, omitindo acontecimentos e limitando informações (SHICASHO; MANZINI, 1999).

Shicasho e Manzini (1999) pontuaram que os comportamentos repressores em relação às crianças e adolescentes, perpassaram os séculos XIX e XX. Podemos considerar que nos dias atuais permanecem presentes.

Aspectos culturais e históricos favoreceram diferentes concepções sobre a sexualidade humana. Ainda no momento atual, há contradições, muitas vezes, dentro da escola e da própria família, sobre o comportamento sexual das crianças.

Temas como:

gênero, identidade sexual, papéis sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução são ainda bastante conflituosos.

Mas, efetivamente, o que entendemos por Sexualidade?

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade é um aspecto central de ser humano, presente durante toda a vida. Além do sexo, também aborda as questões de **gênero², as identidades e os papéis do indivíduo, sua orientação sexual, erotismo, e reprodução**. Pode ser expressa por meio de pensamentos, fantasias, desejos, opiniões, atitudes, valores, comportamentos, papéis e relacionamentos. Por tratar de todas essas

Gênero: no âmbito biológico, definirá masculino e feminino, ao passo que nas relações sócio-culturais implicará em divergentes condutas relativas a identidade sexual.

Identidade Sexual - Pode manifestar-se na escolha dos comportamentos heterossexual, homossexual ou bissexual, independente do gênero.

Orientação Sexual – (orientação afetivo-sexual) é a referência feita ao objeto de atração e do prazer sexual. Não é simplesmente uma escolha ter comportamento homo, hetero ou bissexual. As pessoas se orientam em relação à atração sexual que lhes dá mais prazer.

Erotismo é o conjunto de expressões culturais e artísticas [humanas](#) referentes ao [sexo](#). A palavra provém do [latim](#) 'eroticus' que se referia ao [amor](#) sensual e à [poesia](#) de amor. A palavra grega deriva-se do nome de [Eros](#), o deus grego do amor, [Cupido](#) para os [romanos](#), que com suas [flechas](#) unia [corações](#), significando hoje amor, [paixão](#), [desejo](#) intenso.

Papel sexual, manifestação externa da identidade sexual. Como a pessoa se comporta em relação a sua identidade (Ser homem, Ser Mulher), de acordo, ou não com as expectativas sociais e culturais.

Reprodução: condição essencial para manutenção da espécie, podendo ocorrer por meio do ato sexual ou fertilização assistida.

dimensões, é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (WHO, Acesso em 20.08.2007).

Sugestão



Agora que você já conheceu um pouco sobre o histórico da sexualidade, dê um passeio pelo site <http://www.museudosexo.com.br>. Lá, você encontrará ilustrações, poderá ler sobre Antropologia e História da Sexualidade, além de outros temas relacionados.
Seja Curioso!

Unidade II: Sexualidade e Deficiência: Mitos e Desafios



Tratar do tema sexualidade já é algo polêmico, imagine só quando envolve a questão da deficiência.

Em pesquisa sobre a produção bibliográfica no período de 1990 a 2003, em banco de dados da **Bireme**, Bastos e Deslandes (2005) localizaram apenas 13 artigos relacionados a este tema. Outros autores, como Denari (2002), Maia (2006), ressaltaram o quanto este tema merece melhor atenção.

Biblioteca Virtual em Saúde. Pesquisa nas bases de dados Medline, Lilacs, Wholis, BBO, AdoLec e várias outras. Website ligado a Organização Mundial da Saúde.
<http://www.bireme.br/php/index.php>

Na primeira unidade, propositadamente, não tocamos na questão da sexualidade da pessoa com deficiência. Vocês imaginam por quê?

Vou dar uma dica. Vamos interromper um pouquinho nossa leitura e dar uma olhada neste trecho de vídeo: [cena 12, filme: **Reflexos de uma amizade**]



Caso queiram, assistam ao filme todo: 96 minutos. Vale a pena! Para esta atividade, você poderá assistir à cena 12, que se encontra disponível no endereço:

<http://www.youtube.com/watch?v=7it5Tw5UD14>



Foto 1: Início do filme



Foto 2: Reencontro

BREVE SINOPSE:

Tom Warshaw (Anton Yelchin) e Pappas (Robin Williams) têm uma forte amizade (Foto 1). Separam-se por uma tragédia marcada pelo primeiro amor de Tom, que parte para Paris. Depois de muito tempo, para se acertar com a esposa e o filho de 13 anos, o artista plástico Tom Warshaw volta a Nova York e reencontra seu amigo Pappas. Dá-se conta das transformações de lugares e fatos. Pappas ironiza, dizendo que também passou por muitas mudanças e, nesse momento, brinca com as diferentes nomeações da deficiência mental.



Depois de assistir ao trecho do filme indicado, algumas questões são importantes para a nossa reflexão e planejamento de futuras práticas educativas, tais como:

- 1) Além das nomeações que mudaram no decorrer do tempo em que os amigos estiveram separados, o que mudou na vida de Pappas?
- 2) Analisando as mudanças relacionadas à sexualidade na vida de Tom nesses anos que passaram (casou-se, teve filhos, está em crise etc...) a que conclusões você chegar a respeito da sexualidade de Pappas?
- 3) Poderia ser diferente? Como?

Importante!!!!

Embora o resultado destas reflexões, bem como outras que possam surgir, não necessite ser postado no ambiente, no entanto, serão importantes para atividade de planejamento no final do caderno.



Continuando

Historicamente, a questão da sexualidade da pessoa com deficiência foi negada, negligenciada ou omitida. Partimos de condições em que as pessoas com qualquer tipo de deficiência eram sacrificadas, posteriormente, toleradas, mas não consideradas como seres humanos e, por isso, destituídas de todos os direitos. Não possuindo cidadania, não tinham direito à herança e não podiam casar-se. Em um momento no qual a sociedade determinou que a condição para que houvesse uma conduta sexual seria o casamento, não ter direito ao mesmo era sinônimo de ser assexuado (JANUZZI, 1992).

Mesmo quando, por parte da nobreza, asseguraram-se alguns direitos, o mito de que as pessoas com deficiência mental seriam assexuadas ainda permaneceu. Em algumas vezes, ainda se apresenta em atitudes bastante preconceituosas da sociedade atual.



A sexualidade não se restringe ao ato sexual, envolve também o que as pessoas sentem, fazem e pensam sobre si e as pessoas com quem se relacionam. No entanto, para controle da conduta sexual, muitas vezes, a sociedade procurou incutir sentimentos de culpa e vergonha em relação a vivência da mesma (BASTOS; DESLANDES, 2005).

<http://populo.weblog.com.pt/arquivo/vergonha.jpg>

É óbvio que não haveria como controlar a conduta sexual de alguém e, por mais que se tenha buscado mecanismos de controle e punição, diretos ou indiretos, por vezes, ocorriam condutas que não eram as mais desejáveis, como o onanismo público e/ou outras exposições consideradas obscenas pelas normas sociais.

Automasturbação manual masculina,

Nesta condição, parte-se de um extremo em que o indivíduo seria assexuado, para um outro mito de que a pessoa com deficiência mental teria uma sexualidade exacerbada.

A sexualidade das pessoas com deficiência mental ainda é algo pouco estudado, carregado de crenças e mitos que se misturam a estereótipos (MAIA, 2006). Faz-se necessário o desenvolvimento de posturas que reconheçam e respeitem as necessidades da pessoa com deficiência, em relação a seus direitos, vontades e sentimentos.

Ou seja, ora ele não tem desejo, nem identidade sexual, é visto como um anjo, ora ele é um tarado com manifestações públicas e compreendidas como violentas em relação à sexualidade. O que permanece em todas as épocas é a ausência de direitos e a crença em sua incapacidade de entender, fazer escolhas e ter sentimentos.

Como desmistificar estas questões?

- 1) Todos nós somos pessoas **sexuadas** e aí estão incluídas todas as pessoas, com ou sem deficiência. Uma das dificuldades para discussão da sexualidade das pessoas com deficiência é a ausência de relatos sobre o assunto, conforme apontado por Bastos e Deslandes (2005). Não falar sobre o assunto é uma forma de sustentar a idéia de que eles não teriam direito a sexualidade. Maia (2006) apontou que não se questiona a sexualidade das pessoas com deficiência negando a sua

existência, como se a simples negação tornasse o fato verdadeiro. No entanto, a sexualidade é inerente a todo o ser humano, com ou sem deficiência. Em resposta a esta questão a autora afirma que:

[...] há uma necessidade de que estas pessoas também recebam informações adequadas sobre sexualidade para autoconhecimento e, também, esclarecimentos e orientações sobre as questões que possam gerar dúvidas e angústias para auxiliá-los na efetivação de relacionamentos afetivos e sexuais, se assim forem desejados (MAIA, 2006, p. 79).

- 2) As modificações físicas, próprias da puberdade, acontecem naturalmente para as pessoas com deficiência mental. Alguns adolescentes, porém, não sabem bem como lidar com as novas sensações, por isso, os déficits estão relacionados ao controle dos impulsos sexuais. Isso ocorre principalmente pela omissão de informações, principalmente quando a família e a escola continuam tratando-os eternamente como crianças. Condutas que incomodam, como a masturbação em local público, podem ser orientadas de acordo com o nível de compreensão de cada um. Da mesma forma, mesmo uma criança ou adolescente que não tenha histórico de deficiência, mas que não receba orientação sobre as transformações do seu próprio corpo e como lidar com os impulsos sexuais, também poderá ter condutas inadequadas socialmente.

Conforme nos apontam Poppi e Manzini (1999) a ausência da sexualidade deve preocupar mais do que sua existência. O desafio consiste em realizar programas de orientação sexual satisfatórios, que atendam às necessidades das pessoas com ou sem deficiência, bem como o esclarecimento de familiares e educadores que ainda têm dificuldades frente a esta questão.



Atividade

- Viver é preciso... Somos todos sexuados! Acesse o site <http://www.youtube.com/watch?v=DvsiPXuVYs> (3 minutos e 30 segundos) assista ao vídeo sobre Sexualidade e Deficiência e destaque as relações mais próximas que ele tem com realidade educacional de pessoas com deficiência. Escreva um texto, entre 10 e 15 linhas, com suas considerações no Portfólio do ambiente TelEduc.

Unidade III: Orientação-Sexual³: de quem é essa responsabilidade?



Quando as crianças percebem as diferenças sexuais? Como lidar com os **jogos sexuais infantis** e as famosas perguntas “de onde vêm os bebês”? Se estas perguntas muitas vezes assustam os pais, como lidar com as mesmas no ambiente escolar?

Os jogos infantis são naturais e refletem a curiosidade de crianças que estão começando a descobrir o próprio corpo e as diferenças e semelhanças em relação ao outro.



Fonte: <http://www.fotosearch.com.br/ART181/mms013/>

As crianças apreendem o mundo a partir do seu próprio corpo. Poppi e Manzini (1999) ressaltaram que, quando a criança pergunta como os bebês nascem ou como são feitos, querem compreender os fatos naturais do desenvolvimento, assim como perguntariam sobre o nascimento e crescimento de outros seres vivos.

Vamos pensar um pouco nas fases pelas quais passa o desenvolvimento sexual. É importante atentarmos para o fato de que essas fases não são rígidas e nem necessariamente obrigatórias para todas as pessoas. A idéia aqui é oferecer parâmetros para a educação sexual. Outro dado importante é que, mesmo com atrasos e peculiaridades, o desenvolvimento sexual de pessoas com deficiência mental percorrerá o mesmo caminho.

³ Diferente da orientação afetivo sexual, indicada na página 5, o orientação-sexual neste contexto se refere aquela que é realizada pelo educador, geralmente, em um contexto escolar, parte de um programa educacional.

A postura do educador dependerá de seu conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e, em especial, da sexualidade infantil. Levando-se em conta os significados pessoais e pedagógicos que atribui a esses conhecimentos e sua intervenção pedagógica, a consciência que possui da limitação de sua formação e dos valores morais que traz consigo, resultantes de sua educação familiar, religiosa e social.

É importante ter claro que nós educadores não somos 'neutros' nessa educação, pois nossas intervenções serão carregadas de experiências, vivências e conhecimento do assunto.

Deve ser foco do educador nas práticas de educação sexual em geral e também em relação às pessoas com deficiência mental:

- diminuir a intolerância e os preconceitos;
- entender que crianças e jovens apresentam manifestações de sua sexualidade e não devem ser privados de informações para compreender tais eventos e encarar o seu desenvolvimento de forma tranquila e responsável;
- implementar a discussão, não apenas de biologia, mas de temas que envolvem conhecimentos das áreas de antropologia, sociologia, psicologia, pedagogia, história, política e ética;
- acreditar que a sexualidade humana é parte integrante e indissociável da pessoa, não implicando, necessariamente, em seu aspecto reprodutivo;
- entender que todos têm valor e dignidade, merecendo respeito;
- favorecer condições para que os alunos respeitem todas as formas de relacionamento, independente do nível de sentimento envolvido, evitando-se quaisquer atitudes de coerção ou exploração entre as pessoas.

É importante ressaltarmos que apesar dos grandes “eventos” da sexualidade aparecerem na adolescência, a educação sexual deve começar na **INFÂNCIA!**

Às vezes, subestimamos a capacidade de compreensão de nossas crianças. Antes mesmo da puberdade, já é possível conversar sobre menstruação, gravidez, ato sexual, higiene corporal, relações de gênero, vida social, namoro, expressão de afeto.

Quando os adultos respondem por evasivas ou falsas respostas, perdem a oportunidade de estabelecer com a criança um diálogo aberto sobre um tema que deve ser tratado com naturalidade. Como a criança percebe que, em relação a esse assunto, as respostas não são satisfatórias, deixam de perguntar, buscando informações com seus pares, que, na maioria das vezes, também pouco sabem. Outras vezes, passam a fantasiar idéias errôneas, vergonhosas ou confusas. Isso faz com que falar de sexo seja algo que pode gerar punição ou vergonha, dificultando o esclarecimento de questões sobre o seu próprio desenvolvimento.



Fonte da imagem: <http://osverdestapes.googlepages.com/> Acesso em 20.08.2007.

Na busca de informações com seus pares, é possível que ocorra a prática de jogos sexuais infantis, pois até então, a criança apreendeu o mundo pelo toque e pela manipulação e, em relação ao corpo, também o faz com muita naturalidade, sem a conotação que é dada pelo adulto. Há, porém o cuidado de verificar se estas práticas não ocorrem com crianças de idade diferentes, visto que, quando crianças maiores “brincam” com crianças menores, poderão possuir informações e experiências diferentes sobre sexo e sexualidade, podendo gerar exploração da criança maior sobre a menor.

A orientação-sexual de crianças, com ou sem histórico de deficiência, parte da necessidade de sempre dizer a verdade, de modo mais claro possível e de acordo com a linguagem e compreensão da criança. Chagas (1996) ressaltou que sexualidade é um fato concreto, inerente a própria vida e, por isso, não pode ser negada ou silenciada. O autor destacou ainda que, em relação à educação de crianças e adolescentes com deficiência mental, deve-se considerar que:

- Toda criança aprende desde cedo as expressões corporais sobre a sexualidade;
- Em cada etapa do desenvolvimento há diferenças no desejo e na forma de se relacionar com as pessoas. Dependendo do nível de compreensão da criança ela elaborará diferentemente suas experiências;
- Embora o desenvolvimento intelectual da criança com deficiência mental seja diferente, o desenvolvimento físico acontece na mesma fase de seus pares, deixando-os muitas vezes em uma condição de desvantagem em relação à compreensão de seus

impulsos sexuais. Isso pode fazer com que estejam mais vulneráveis a condição de **abuso sexual**.

Uma das dificuldades é quando o abuso é realizado por pessoas da própria família, pois fica mais difícil identificar o agressor, e este pode estar vinculado a uma condição de afeto e dependência.

- É necessário fornecer o maior número de informações possíveis à pessoa com deficiência e seus familiares, preparando-os para tomada de decisões quanto ao uso de contraceptivos,

Os detentores do Poder de Família têm a condição legal de decidir sobre o aborto, em casos considerados como estupro presumido (com consentimento da mulher sem as reais clarezas das conseqüências de seus atos), bem como por optar pela esterilização de mulheres consideradas juridicamente incapazes, cabendo a autorização ao juiz. Tais questões são muito polêmicas, tanto pelo critério de estabelecer de fato quem éser o “incapaz” como pelas atribuições judiciais e familiares.

Para maiores informações leia:

HENTZ, André Soares. **Esterilização humana: aspectos legais, éticos e religiosos, 2004.** Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6544>

esterilização e casamento.

É importante lembrar que, quando a família opta pela esterilização, não o deverá fazer sozinha, mas a pessoa com deficiência deverá ser consultada e ter os seus direitos respeitados, orientando-a sobre outras possibilidades de contracepção.

Para a orientação sexual é importante lembrar que:

- Além de informações quanto às modificações anatomo-fisiológicas, é importante tratar o assunto com naturalidade e com uma boa dose de afeto;
- Adequar o vocabulário à compreensão da criança e/ou adolescente;
- Esclarecer que a demonstração de carinho deve ser dirigida apenas a pessoas conhecidas. Muitas vezes, a pessoa com deficiência mental é estimulada a beijar ou abraçar (como formas de cumprimento) todas as pessoas que encontra, tornando-se uma vítima fácil de abuso sexual, pois terá dificuldades em diferenciar pessoas que gostam dela das que podem cometer abuso sexual.

Atividades em grupo favorecem esclarecimento de dúvidas e condições para o autoconhecimento, compreensão das diferenças e transformações.



Uma dica....

O projeto divulgado pela Revista Nova Escola apresenta ilustrações importantes sobre atividades para orientação sexual com crianças.

Para maiores informações sobre o assunto acesse:

http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/112_mai98/html/edsexual.htm

A utilização de vídeos, figuras e outros recursos visuais pode favorecer a compreensão, principalmente quando a linguagem, às vezes muito técnica, não é totalmente compreensível ou carregada de um número excessivo de informações. Os temas deverão atender ao currículo, mas, sempre, atrelados ao interesse da criança.



http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/112_mai98/html/edsexual.htm

Vídeos curtos e objetivos podem favorecer a compreensão e o diálogo.



Veja esse sobre o desenvolvimento do bebê.

<http://www.youtube.com/watch?v=GHxEpfznhcU>

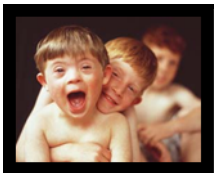
E eles têm direitos....

O Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social, em conformidade com o XV Congresso Mundial de Sexologia, ocorrido em Hong Kong (CHINA), entre 23 e 27 de agosto de 1997, compreendeu que são **Direitos sexuais de crianças e adolescentes:**

Crianças e adolescentes têm o direito de serem ouvidos, respeitados e atendidos em suas legítimas reivindicações.



<http://www.fotosearch.com.br/UNN322/u14083381/>



http://www.seednet.mec.gov.br/upload/materias/3498/3537_3498_imagem.jpg

Crianças e adolescentes têm o direito a uma educação que promova sua condição de ser em formação, garantindo um desenvolvimento pleno e saudável.



http://www.seednet.mec.gov.br/upload/materias/3498/3537_3498_imagem.jpg

Uma criança tem o direito de conhecer seu corpo.



http://www.seednet.mec.gov.br/upload/materias/3498/3537_3498_imagem.jpg

Uma criança tem o direito de descobrir sua masculinidade e feminilidade.

Um adolescente tem o direito à descoberta e ao exercício de sua sexualidade junto a seus pares.



Um adolescente tem o direito à livre expressão de sua orientação afetivo-sexual.



<http://www.nea.fe.usp.br/sigepe/informacoes/upload/adolescencia.jpg>



Um adolescente tem o direito à relação consensual amorosa.

<http://www.andi.org.br/noticias/articlefiles/2933-casaldefweb.JPG>



Crianças e adolescentes têm o direito de dizer não a toda forma de abuso e exploração sexual seja incesto, pornografia ou prostituição.

<http://www.youtube.com/watch?v=DvsiPXVuVYs>

Crianças e adolescentes têm o direito de dizer não a toda forma de violência e maus tratos seja verbal, físico ou psicológico.



<http://www.javierarcenillas.com/>

Fonte: http://www.ibiss.com.br/dsex_destaque.html

EDUCAÇÃO SEXUAL... ORIENTAÇÃO...

E de quem é a responsabilidade de fazer com que esses direitos sejam respeitados?

Sem dúvida, há responsabilidade social da qual ninguém está isento, sobretudo, educadores, familiares e profissionais ligados à saúde e educação precisam assumir esse compromisso, para que o silêncio seja rompido. Falar de sexualidade de pessoas com ou sem deficiência precisa ser algo tão natural como falar de qualquer outro assunto de seu desenvolvimento.



Atividade

Esta atividade tem duas partes.

Na primeira parte você vai elaborar um plano de aula sobre um tema de sexualidade para sua turma. Você poderá escolher o tema, definir com seus alunos, ou partir de uma questão feita por algum aluno.

Seu plano deve conter:

1. Tema
2. Data provável da aula:
3. Duração:
4. Objetivos
5. Conteúdo a ser trabalhado
6. Materiais
7. Estratégias
8. Avaliação:

Na segunda parte aplique sua aula e relate sua experiência: pontos positivos, como os alunos avaliaram, dificuldades, sugestões de alteração, outros conteúdos que poderiam ser abordados e, se você tem aluno com deficiência mental na sua sala, relate como foi a experiência de incluí-lo nesta atividade, para que possamos compartilhar com os demais colegas do curso.

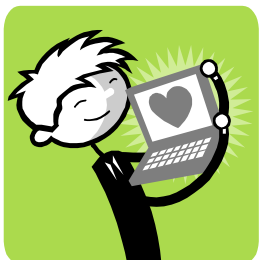
Conte-nos informações importantes, como:

- a) Qual a idade média dos seus alunos deste ano?
- b) Eles fazem perguntas sobre sexo/sexualidade?

- c) Como você se comporta diante disso?
- d) Como se sente?
- e) Qual o tema sobre sexo/sexualidade que você trabalhou com a classe nos últimos dois meses?
- f) O interesse partiu deles, de algum episódio acontecido ou faz parte do seu planejamento?

Se tiver dúvidas ou quiser auxílio para escolher material ou estratégia, procure seu tutor. Ele vai ajudá-lo!!! Lembre-se das reflexões e atividades de apoio que desenvolveu até aqui, elas poderão nortear parte do seu trabalho.

Para isso deposite todo o material: plano de aula e relatório no portfólio. Após a avaliação pelo seu tutor, socializaremos seu relato! Assim encerramos o que acreditamos que seja um começo de conversa sobre sexualidade. Sucesso nessa sua empreitada!



Links interessantes:

http://www.who.int/reproductive-health/gender/sexual_health.html

http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/112_mai98/html/edsexual.htm

<http://www.museudosexo.com.br>

Referências

BASTOS, O. M.; DESLANDES, S F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, 10 (2): 389-397, 2005.

DENARI, F. E. Sexualidade e deficiência mental: reflexões sobre conceitos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.8, n.1, 2002. p.9-14.

FOUCAULT, M.. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal Ltda., 1985.

JANNUZZI, G. M. **A luta da educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e Deficiências**. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p.33 173 (OK)

POPPI, M.A.V..; MANZINI, E. J.. Concepção do professor especializado sobre sexualidade do aluno com deficiência. In: Manzini, E.J.; Brancatti, P. R. (org) **Educação Sexual e Estigma: Corporeidade, sexualidade e expressão artística**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 1999. p. 133-153.

REFLEXOS da Amizade. Direção: David Duchovny. Produção: Richard Barton Lewis, Jane Rosenthal, Bob Yari. Intérpretes: Anton Yelchin, Téa Leoni, David Duchovny, Robin Williams, Erykah Badu e outros. Imagem Filmes ; 2004. 1 filme (96 min), som., colorido.

SHICASHO, E. T.; MANZINI, E. J. Sexualidade sob a ótica do aluno com deficiência. In: Manzini, E.M.; Brancatti, P.R. (org) **Educação Sexual e Estigma: Corporeidade, sexualidade e expressão artística**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 1999. p. 133-153.

www.webcine.com.br/filmesso/housed.htm; acessado em 10/08/2007.

http://www.who.int/reproductive-health/gender/sexual_health.html; acessado em 10/08/2007.